

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

A hipótese do discurso na marcação da morfologia de tempo e aspecto no processo de aquisição de português L2

Custódio Martins¹

RESUMO: Este trabalho analisa a Hipótese do Discurso (BARDOVI-HARLIG, 1998) no processo de aquisição e marcação da morfologia de tempo e aspecto no processo de aquisição do português como L2. Os vários estudos nesta área têm-se centrado, como sabemos, na Hipótese do Aspecto. No entanto, outros trabalhos (ANDERSEN, 2002; COMAJOAN, 2005) têm defendido a importância do discurso e da sua organização para o desenvolvimento da morfologia verbal em L2. De acordo com os pressupostos da Hipótese do Discurso, a estrutura narrativa contém eventos *foreground* e eventos *background*. Os eventos *foreground* contribuem para o avanço da narrativa, os eventos *background* constituem o material de suporte para os eventos *foreground*, sendo a morfologia verbal um dos elementos distintivos da estrutura da narrativa. A noção de telicidade associada à marcação de eventos perfectivos ocorre primeiro e predominantemente em *foreground*, enquanto os eventos atéllicos ocorrem em *background*. Os dados em análise revelaram resultados contraditórios relativamente a outros estudos (Cf. MARTINS, 2008), na medida em que o pretérito imperfeito surge associado a contextos *foreground* e não a contextos *background*. Os resultados obtidos através da análise em VARBRUL indicam que os aprendentes de L2 têm dificuldade na distinção de ambos os contextos e parece que os estão a reinterpretar e a atribuir-lhes uma hierarquia diferenciada na estrutura da narrativa, decorrente de um efeito de transferência pragmática de L1. A hipótese avançada com base na análise dos dados tem em conta os possíveis efeitos pragmáticos de transferência que poderão ocorrer ao nível da estruturação do discurso narrativo, sabendo que, por exemplo, em mandarim quando o aspecto não é marcado por partícula – aspecto zero (XIAO E MCENERY, 2004, p. 240), gera-se ambiguidade aspectual entre a leitura perfectiva e imperfectiva, resolvida através do contexto discursivo.

Palavras-Chave: Português como L2; Tempo e aspecto em L2; Hipótese do discurso; Narrativa; Discurso

ABSTRACT: The current paper analyzes the Discourse Hypothesis (BARDOVI-HARLIG, 1998) concerning the process of acquisition and marking of verbal morphology in Portuguese as L2, from a variationist perspective. Over the last decades the various studies on the acquisition of tense and aspect in L2 contexts have focused on the Aspect Hypothesis. Yet, the importance of discourse for the acquisition of verbal morphology has been pointed out in the literature (ANDERSEN, 2002; COMAJOAN, 2005). The Discourse Hypothesis postulates that narrative structure is organized in terms of foreground and background events. Foreground events advance the narrative, and background events serve as scene setting and as a support for the foreground. Events in the foreground are marked in the perfective and those in the background are marked in the imperfective. In terms of lexical semantics, telic verbs occur predominantly in the foreground and atelic verbs occur predominantly in the background. Analysis of our data reveals contradictory results when compared with other studies on the Discourse Hypothesis (Cf. Martins, 2008). Our results show that imperfectivity is marked in the foreground and not in the background. Learners seem to find it difficult to distinguish between the appropriate contexts, reinterpreting them and assigning them different roles in the narrative. We hypothesize that such a difference in interpretation and marking on verbal morphology may be due to an effect of transfer from the learners' L1. The

¹ Departamento de Português da Universidade de Macau – fshcm@umac.mo

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

hypothesis takes into account the possible pragmatic effects of transfer that may occur at the level of narrative structuring. This is based on the fact that in Mandarin, when aspect is not marked by an aspectual particle – zero aspect (XIAO; MCENERY, 2004, p. 240), aspectual ambiguity may occur, through the difficulty of distinguishing between a perfective or imperfective reading. The ambiguity is then resolved through the narrative context.

Key Words: Portuguese as L2; Tense and aspect in L2; Discourse hypothesis; Narrative; Discourse

1. Introdução

O campo de acção da ASL é vasto (DOUGHTY et al., 2003, p. 3), devendo contribuir, entre outros aspectos, para um alargamento dos conhecimentos ao nível do processamento das línguas, mas também para que esses conhecimentos decorrentes da investigação desenvolvida possam servir de forma concreta qualquer que seja o contexto que figure como objecto da investigação. Nesse sentido, o contexto formal de aprendizagem não poderá ser excepção.

O estudo da aquisição e desenvolvimento das noções de tempo e aspecto, bem como de outros aspectos linguísticos em contextos formais de aprendizagem das línguas, tem tido em atenção fatores que têm sido apontados como facilitadores ou não da aprendizagem.

O contexto formal de aprendizagem de L2 tem sido apontado como facilitador no processo de aquisição da morfologia verbal (BARDOVI-HARLIG, 2000 p. 340; SALABERRY, 2002, p. 497; DUFF, 2002, p. 447; AYOUN, 2005, p. 279-280). Bardovi-Harlig, por exemplo, afirma que o contexto formal de aprendizagem de L2: (i) permite o acesso a *input* que de outra forma não seria tão saliente; (ii) permite situações de interacção concretas; (iii) permite o enfoque nas estruturas; (iv) dá oportunidade aos aprendentes de se expressarem de forma aproximada da norma padrão.

A investigação sobre o processo de aquisição da morfologia verbal tem-se concentrado na Hipótese do Aspecto e na Hipótese do Discurso, e também no papel do *input*. Salaberry e Shirai (2002, p. 4) salientam também outras questões relevantes como: (1) a transferência de

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

L1, (2) a formação de protótipos, (3) as funções discursivas, (4) as variáveis de ordem pedagógica ou (5) as variáveis de ordem cognitiva e/ou universalista.

Qualquer professor envolvido no ensino de L2, sobretudo de uma língua românica, não hesitaria em classificar a aprendizagem da noção de aspecto como problemática para os seus alunos. Estas dificuldades são corroboradas pelos resultados que os vários estudos têm obtido quanto à marcação da morfologia verbal (BLYTH, 2005, p. 212).

Ellis (1997, 67-70; 2002, p. 28) apresenta uma lista de factores que afectam a aprendizagem das estruturas gramaticais: (i) a complexidade linguística – formal e funcional, ou seja, o aprendente também tem que aprender as funções discursivas do contraste perfectivo / imperfectivo, por exemplo; (ii) confiança na regra gramatical – as regras gramaticais utilizadas em contexto pedagógico tendem a generalizar, não permitindo que o aprendente se aperceba da existência de possíveis excepções; (iii) a metalinguagem usada para fixar a regra – o uso de metalinguagem não facilita a aquisição das nuances aspectuais; (iv) o contraste entre L1 e L2; (v) a frequência do item no *input* – a fraca frequência e distribuição irregular dos itens no *input* pode dificultar, por exemplo, a aquisição dos valores aspectuais não protótipo²; (vi) a redundância – em contexto formal, o aspecto gramatical é normalmente inferido das propriedades inerentes aos verbos e também pelo contexto; (vii) saliência – facilidade dos aprendentes em reparar numa dada característica ou propriedade aspectual.

Blyth (*ibid*, p. 218) enumera as conclusões a que vários estudos têm chegado sobre o processo de aquisição da morfologia de tempo e aspecto e às quais os professores de L2 deveriam ter em conta quando ensinam a noção de aspecto: (i) os aprendentes adquirem as distinções aspectuais de forma gradual, sendo o seu desenvolvimento constituído por fases que reflectem as associações prototípicas que se estabelecem entre aspecto lexical, estrutura discursiva e aspecto gramatical. Estas associações forma / significado ficam a dever-se a

² Os valores prototípicos, em termos da morfologia verbal, são os que associam de forma congruente as propriedades semânticas dos verbos com aspeto gramatical, como por exemplo, a associação de predicados verbais télicos com o aspeto perfectivo e predicados verbais atélicos com o aspeto imperfectivo.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

factores de ordem cognitiva como sejam a transferência de L1 e de *markedness*³ ou de critérios de distribuição no *input*; (ii) a noção de aspecto está relacionada com a ideia de perspectiva que se tem da situação, que por sua vez se relaciona com a percepção visual; (iii) o uso da noção aspecto é bastante sensível às tarefas. Com base nestes factos Blyth sugere três princípios nos quais os professores de L2 deveriam basear a sua prática pedagógica: (i) desenvolver estratégias pedagógicas que estimulem o *input* para acompanhar o desenvolvimento dos aprendentes – a fase de aquisição em que estes se encontram; (ii) basear as explicações da gramática e as actividades propostas tanto quanto possível na percepção que os aprendentes têm da situação; (iii) escolher textos narrativos e tarefas apropriados, tendo em conta a complexidade linguística e de processamento, assim como as normas padrão.

Blyth (*ibid*, p. 220) define três fases de desenvolvimento da aquisição da morfologia de tempo e aspecto: (i) a fase inicial na qual os aprendentes se guiam pela informação disponível através da sua L1 e usam o pretérito como marca única (*default*); (ii) uma segunda fase na qual os aprendentes desenvolvem uma maior consciência do funcionamento das classes lexicais aspectuais, aprendendo mesmo o valor não prototípico dos usos do pretérito perfeito e do pretérito imperfeito; (iii) uma terceira fase, final, na qual os aprendentes são capazes de empregar tanto o pretérito perfeito como o pretérito imperfeito com a totalidade das classes lexicais aspectuais. Estas fases podem não ser identificadas de forma clara em todos os aprendentes (Cf. ELLIS, 1997, p. 140). No entanto, Blyth (*ibid*, p. 227) propõe que as narrativas usadas em contexto formal de aprendizagem de L2 sigam um *continuum* em termos do grau de complexidade por serem mais fáceis do ponto de vista linguístico e também cognitivo. Para além disso, Blyth considera que estas são características que podemos encontrar, nas narrativas das crianças. Este *continuum* apresentaria inicialmente as seguintes características: (i) referência a experiências específicas no passado; (ii) incluir eventos *foreground* mas não *background*; (iii) não contemplar a perspectiva do narrador. No extremo

³ Formas e/ou funções que são mais raras ao nível do *input*, logo menos prototípicas. Estas formas / funções, por serem raras, apresentam algumas dificuldades para os aprendentes (Cf. a este respeito Johnson et al, 1999, p. 208).

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

classificação e definição uniformes que sejam contempladas pelos diferentes estudos dificulta certamente a avaliação dos resultados obtidos. Outra das questões que tem vindo a ser levantada (BARDOVI-HARLIG, 2000; SALABERRY, 2000) concerne os instrumentos de recolha de dados. As grandes diferenças ao nível do tipo de instrumentos utilizados bem como a forma de tratamento e análise dos dados, ou ainda o tipo de estudo, também não têm contribuído para que se possam comparar, por vezes, os resultados obtidos. Há que ter em conta, também, as línguas de trabalho. Se considerarmos que a classificação e identificação das propriedades inerentes às classes semânticas apresentam variações de língua para língua, as combinações possíveis das línguas em estudo irão certamente ter influência na avaliação dos resultados. Como defendem LI et al. (2000, p. 52), é importante: “(...) *account for why these variations arise.*”

Outras propostas têm surgido para o estudo da aquisição e desenvolvimento da morfologia verbal em L2. Bardovi-Harlig (1998), por exemplo, propõe que este assunto seja abordado e estudado de forma integrada. Bardovi-Harlig (1998, p. 501) defende ainda que a Hipótese do Aspecto deverá ser integrada nos estudos sobre a estrutura da narrativa, segundo a sua proposta da Hipótese do Discurso porque: (...) *lexical aspect and narrative structure conspire to shape the distribution of tense-aspect morphology in interlanguage.*

Andersen (2002), por seu turno, reconhece a necessidade de encarar a Hipótese do Aspecto numa perspectiva multidimensional, e não a restringir à distinção da marcação de tempo e de aspecto *per si*.

Andersen (2002 *ibid*, p. 91-92) salienta a importância da estrutura discursiva para a marcação da morfologia de tempo e aspecto, afirmando que são as necessidades discursivas que contribuem para que os falantes “*choose forms to convey their intentions at that point in the discourse.*” No fundo, o que está em jogo é perceber como é que os aprendentes relacionam a forma e o significado.

Para Anderson a estrutura discursiva contribui para o desenvolvimento da morfologia de tempo e aspecto. Neste sentido, propõe uma forma alargada da Hipótese do Aspecto que

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

inclui seis dimensões: (1) a semântica verbal; (2) o tipo de acontecimento; (3) as noções *realis-irrealis*; (4) a pragmática; (5) o contexto discursivo; (6) a estrutura do discurso.

Andersen (2002, *ibid*, p. 94) define os casos mais prototípicos de cada uma das dimensões em termos da aquisição do perfectivo passado. No que diz respeito à primeira dimensão, a semântica verbal, Andersen prevê que o desenvolvimento assente, em primeiro lugar, nos predicados verbais do tipo “*achievement*”, depois nos “*accomplishment*”, seguindo-se os predicados verbais do tipo “*activity*” e finalmente os “*states*”, proposita, como sabemos, no âmbito da Hipótese do Aspecto. Uma das razões apontadas para esta hierarquia encontra-se na necessidade de uma motivação funcional do discurso. Quer isto dizer, de acordo com Andersen (2002, *ibid*, p. 94) que:

(...) while verb semantics is at the center of the development of categories like past and perfective, verb semantics alone is not enough to account for empirical findings (...)

Quanto à segunda dimensão, o tipo de acontecimento, a hierarquia tem início com os acontecimentos unitários e depois com os acontecimentos iterativos. A abordagem funcional do discurso prevê, de acordo com Andersen (2002), que os acontecimentos unitários recebam marcação morfológica explícita de passado antes dos acontecimentos iterativos.

Na linha da Hipótese do Protótipo, e consequentemente da perspectiva conexionista, Andersen (2002) refere que, neste sentido, há uma competição entre a semântica verbal e o tipo de acontecimento, sobretudo no que diz respeito ao espanhol, já que aqui os aprendentes podem escolher entre a sua forma da interlíngua seguindo o valor da semântica verbal, ou então escolher a forma padrão.

A hierarquia da terceira dimensão tem início em eventos/situações factuais reais estendendo-se depois a eventos/situações hipotéticos. Esta hierarquia na aquisição do perfectivo pretérito justifica-se porque as formas de perfectivo e de passado codificam prototipicamente a referência a eventos factuais reais. A este respeito Andersen (2002:97) refere: “*If the speaker refers to an event that is real, factual, and thus realizable, by the time it*

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

is referred to it is assumed to be over.” Acrescenta ainda que numa fase inicial do processo de aquisição a marcação do passado ou do perfectivo ocorre hierarquicamente com (1) *achievements* e talvez mesmo com *accomplishments*, (2) eventos unitários, (3) eventos factuais reais terminados. Os eventos hipotéticos são marcados numa fase posterior, sendo inicialmente marcados com o verbo na sua forma base. Andersen (ibid.) acrescenta que a expressão/produção de eventos hipotéticos por aprendentes de L2 é algo bastante complicado, sobretudo nas línguas românicas (ainda que só forneça o exemplo do espanhol), já que o *irrealis* nestas línguas é expresso através do modo conjuntivo. Como é sabido, o modo conjuntivo apresenta várias nuances aspectuais-temporais, o que acaba por dificultar ainda mais a tarefa de aquisição de L2 quanto às formas de *irrealis*.

A quarta dimensão, o papel pragmático do passado, apresenta de acordo com Andersen (2002) a seguinte hierarquia de aquisição: (1) asserção directa; (2) atenuador pragmático. Assim sendo, os aprendentes de espanhol como L2 utilizariam em primeiro lugar, a primeira e muito mais tarde a segunda, dado que a segunda é mais marcada, logo menos prototípica do que a primeira.

A quinta dimensão, contexto discursivo, estabelece que a hierarquia se inicia no *foreground* e estendo-se depois ao *background*. Como afirma Andersen (2002, p. 98):

If it is correct that real realized unitary bounded events are the preferred first cases of Past and Perfective marking, then it is also the case that foregrounded clauses are more likely to receive Past/Perfective marking than backgrounded clauses.

A sexta dimensão – a estrutura do discurso não contribui para o desenvolvimento da hierarquia aquisicional, no entanto, Andersen (2002, p. 98) considera que:

Failure to pursue the complexities of discourse structure in research on temporality will simply leave as unexplained and unexplainable (or even as potential counter-evidence) phenomena that do have an explanation.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

A colocação de um determinado verbo ou morfema no discurso, segundo Andersen (2002), evidencia a facilidade ou a dificuldade que os falantes demonstram em seguir a norma relativamente à marcação de tempo-aspecto. O discurso em si pode incluir outro tipo de informação determinante para a interpretação e análise do desenvolvimento da morfologia verbal. Andersen (2002, p. 99) defende que as noções de tempo e aspecto são representadas no discurso não só através das propriedades semânticas dos verbos e dos morfemas gramaticais, mas também de outras formas. Os aspectos a que Andersen atribui um papel no desenvolvimento do discurso são: (1) o significado aspectual que pode ser inferido a partir dos marcadores de tempo e de modalidade; (2) os advérbios de tempo, de duração, de iteração, etc; (3) os atributos dos argumentos do verbo, sobretudo ao nível do sujeito e do objecto; (4) a pragmática da situação e do discurso.

O discurso é o espaço onde as várias relações temporais e aspectuais se entrecruzam. É também através da coerência discursiva que se pode verificar a eficácia do processo de aquisição.

Noyau (2002, p. 107) refere que o campo de trabalho no âmbito da aquisição da língua tem progredido bastante nos últimos anos, já que se passou da descrição pura da estrutura linguística em termos idiossincráticos para uma preocupação com a sua dinâmica no discurso. Nos estudos da noção de temporalidade tem-se vindo a prestar mais atenção a factores de ordem contextual ao nível do que designa como “morfologização” das noções de tempo-aspecto. Segundo Noyau (2002, p. 107):

(...) morphologization is best accounted for within the context of discursive activities and their communicative constraints on referenciation.

O conceito que Noyau (2002) cunha como “morfologização”, ao nível do discurso, é importante na medida em que, como refere, nas fases iniciais de aquisição da morfologia verbal as relações temporais centram-se na organização do discurso e também sob formas lexicalizadas. Faz referência às duas situações mais frequentes: (1) itens lexicais usados para

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

relacionar situações e fornecer informação relativamente à sua estrutura temporal interna; (2) advérbios e outras expressões de tempo que desempenham determinadas funções essenciais, como sejam:

localização de situações no tempo através do uso de expressões adverbiais que podem indicar posição, referência deítica ou anafórica, intervalos de tempo cronológico, ou que podem ainda ser usados para ordenar uma série de acontecimentos;

especificação de outras características temporais que afectam as situações: especificação quantitativa ou qualitativa de duração ou de reiteração: *sempre sempre*; etc.

Contraste temporal: *já*; *de repente*, etc.

O conceito de “morfologização” é encarado numa perspectiva processual em termos aquisicionais. Define-o como um processo complexo que faz a ligação entre outros sub-processos diferentes. O processo de “morfologização” é apontado por Noyau (2002, p. 112) como sendo um processo que:

1. envolve a reestruturação do aparato linguístico o que provoca a reanálise gradual dos vários alomorfes constituídos por uma raiz lexical e dos afixos, e como resultado provoca também a reorganização das formas;
2. envolve a organização do sistema morfológico. Esta organização consiste na progressão de listas de alomorfes para um padrão de regras com uma ordem regular. Estas regras são compostas por vários graus de generalização que constituem micro-sistemas cada vez mais complexos;
3. se caracteriza por uma diferenciação semântica cuja finalidade é transformar as funções e o seu significado em afixos.

É claro que este processo não é simples. O aprendente será sempre confrontado com a questão de saber ou encontrar a relação forma significado. Para além disso, este processo de morfologização pode sofrer também a influência de L1, uma vez que, em larga medida, é determinado pelos conhecimentos disponíveis.

A influência de L1 neste processo de “morfologização” é importante ter em linha de conta, já que Noyau (2002, p. 113) afirma:

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

Given that the acquisition process is largely determined by available knowledge, notably in connection with L1 experience, we can expect that, once the morphological variation of verbs in the L2 has been identified, the temporo-aspectual morphologization of the L2 will take more or less time to come to the learner according to the typological distance between the L1 and the L2, with the learner seeking hypotheses in his/her linguistic experience via his/her L1.

Neste sentido, e tendo em conta as línguas de que o presente trabalho de investigação se vai servir – o português e o chinês – sendo “tipologicamente distantes”, poderemos esperar uma forte influência do chinês L1, sobretudo sabendo que é uma língua cuja referência temporal depende fortemente do seu sistema aspectual?

Uma das conclusões apontadas por alguns investigadores (SALABERRY, 2002; Noyau, 2002) relativamente ao processo de aquisição da morfologia de tempo e aspecto, e que se liga ao conceito de “morfologização” está relacionada com a progressão ao nível da proficiência. Quer isto dizer que nos níveis avançados de proficiência linguística há a tendência para que o uso da morfologia de tempo e aspecto se aproxime da língua alvo. Noyau (2002, p. 121), no entanto, afirma que este facto não se verifica em todas as áreas da morfologia de tempo e aspecto. Referindo-se ao caso do francês afirma: “*The Imparfait proves to be an area of resistance as far as the acquisition of the temporal system in French is concerned.*”

O imperfeito, nas línguas românicas, coloca outros problemas ao nível da aquisição da morfologia de tempo aspecto. Para além da forma, e da relação que cada classe semântica pode manter com esta forma verbal, os alunos têm ainda que aprender a relação forma-significado, que no caso do imperfeito apresenta uma multiplicidade de soluções, sendo que algumas delas são muito marcadas. No caso do imperfeito haverá, por exemplo, alguma dificuldade por parte dos alunos em aferir os valores prototípicos do imperfeito, e simultaneamente relacioná-los com as várias classes semânticas (KIHLESTEDT, 2002).

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

A importância do discurso na distribuição e desenvolvimento da morfologia verbal tem estado centrada na perspectiva teórica central – e quase transversal aos estudos no âmbito da aquisição das categorias de tempo e aspecto em L2 – a **Hipótese do Aspecto** (BARDOVI-HARLIG, 1998). Comajoan (2005, p. 71) e Andersen (2002, p. 98) referem-se ao papel que o discurso desempenha ao nível da aquisição da morfologia de passado.

Para Comajoan

(...) discourse figures prominently as one of the explanations for acquisitional stages in interlanguage (the discourse hypothesis).

E Andersen considera que

Failure to pursue the complexities of discourse structure in research on temporality will simply leave as unexplained and unexplainable (...) phenomena that do have an explanation.

O papel de relevância atribuído ao discurso no âmbito da aquisição da morfologia de tempo e aspecto tem centrado as suas atenções ao nível da narrativa.

Hipótese do Discurso determina que a distribuição da morfologia verbal da interlíngua é determinada pela estrutura narrativa. O discurso narrativo, no âmbito da Hipótese do Discurso, é composto por duas partes: *foreground* e *background*. Enquanto que o *foreground* relata eventos que fazem parte da estrutura base do discurso e que fazem avançar os eventos narrativos de forma sequencial, o *background* constitui o material de suporte para os eventos do *foreground*. Bardovi-Harlig (1998) identifica quatro funções do *background*: (1) revelar um acontecimento anterior ao narrado; (2) fazer a previsão sobre o resultado de um acontecimento; (3) avaliar uma acção não colocada na linha de tempo narrativa; (4) servir de contextualizador narrativo (*scene setting*), de explicação ou identificação.

A Hipótese do Discurso defende que a distinção entre *foreground* e *background* é feita através do uso da morfologia verbal. Da associação de ambas as hipóteses, (BARDOVI-

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

HARLIG, 1998) decorre que os predicados verbais télicos ocorrerão com mais probabilidade primeiro ao nível do *foreground* com a marcação de perfectividade e só numa fase posterior será alargada aos predicados verbais atélicos. A distribuição das classes semânticas aspectuais ao nível do *background* processa-se segundo as previsões da Hipótese do Discurso, tal como acontece com o *foreground*, sendo que os predicados verbais atélicos são marcados no imperfectivo e primeiro do que os télicos.

Pela diversidade do público-alvo, do tipo de estudo, do tipo de instrumentos de recolha de dados e também pela diversidade ao nível do tratamento estatístico e/ou qualitativo dos dados obtidos em cada estudo da aquisição da morfologia verbal, encontramos na literatura conclusões discrepantes tanto ao nível da Hipótese do Aspecto como da Hipótese do Discurso. No que se refere à Hipótese do Discurso, mais concretamente, encontramos duas perspectivas opostas que poderão ter relevância ao nível da análise dos dados que se debruçam sobre esta questão em particular. Ayoun et al. (2005, p. 271) consideram que a Hipótese do Aspecto é mais relevante para os estádios de desenvolvimento da morfologia verbal mais avançados porque como afirmam Ayoun e Salaberry (2005, p. 269):

(...) during the initial stages of development, L1 English speakers learning a romance language are guided by tense considerations, as exemplified in their L1. Later on, as they develop a larger database in the target language they begin to be more clearly guided by the distribution of past tense markings according to lexical aspectual classes, and finally, as they approximate a native-like system of tense-aspect, they start to incorporate more clearly discursive factors, in particular, appropriate foreground-background aspectual distinctions.

Hawkins (2003, p. 39) considera que a Hipótese do Discurso explica mais facilmente a distribuição da morfologia verbal dos níveis mais baixos de proficiência linguística do que nos mais elevados.

A distribuição da morfologia verbal é associada a um dado nível de proficiência linguística e, segundo Ayoun e Salaberry (2005), o aspecto lexical é mais importante nos

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

estádios de proficiência mais elevados. O mesmo confirma Giacalone-Ramat (2002, p. 237) que justifica a distribuição da morfologia verbal através do nível de proficiência, mas também do discurso. Na discussão que faz dos dados obtidos neste seu estudo, Giacalone-Ramat (2002) contrapõe os seus resultados, que confirmam os princípios orientadores da Hipótese do Discurso, com os resultados obtidos num dos estudos de Housen (1995), que não são tão sólidos na confirmação da Hipótese do Discurso. Giacalone-Ramat dá-nos a entender que a diferença entre os resultados de ambos os estudos se poderá dever à natureza do discurso, já que os dados que Housen (1995) usa para o seu estudo são orais e não escritos. Giacalone-Ramat (2002, p. 237) apresenta duas conclusões para este seu estudo com base no discurso: a influência das propriedades semânticas dos verbos e da pragmática discursiva na aquisição e desenvolvimento da morfologia verbal.

Resumindo, o estudo da aquisição e desenvolvimento da morfologia verbal de tempo e aspecto tem baseado as suas conclusões nestas duas hipóteses basilares. O foco tem sido a distribuição da morfologia verbal em função do aspecto lexical inerente aos predicados verbais, considerado um universal linguístico. Ambas hierarquizam o processo de aquisição da morfologia verbal. O valor aspectual perfectivo é adquirido antes do imperfectivo, associado primeiro com os predicados verbais télicos e alargando-se posteriormente aos restantes e marcado no *foreground*; o imperfectivo é associado preferencialmente com os predicados verbais atélicos sendo marcado no *background*.

No que se refere mais concretamente à Hipótese do Discurso, o tipo de texto bem como o tipo de narrativa e de tarefa (COMAJOAN, 2005) têm sido apontados como influentes na marcação e distribuição da morfologia verbal de tempo e aspecto.

Antes de avançarmos na análise destes dados, olhemos para o quadro 1 que contém a identificação e definição dos eventos da cena do filme *Tempos Modernos* que são informação *foreground* e *background*:

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

Quadro 1

Identificação da Informação *foreground* e *background* da cena do filme *Tempos Modernos*

| | | |
|---|---|---|
| 1. (um dia uma rapariga passar por uma padaria | f | |
| 2. (e como estar com fome | b | |
| 3. (ficar a olhar para a montra | f | |
| 4. (que estar cheia de bolos e de coisas boas | b | |
| 5. (de repente a rapariga olhar para o lado | f | |
| 6. (e ver | f | |
| 7. (que o padeiro estar a descarregar o pão | f | |
| 8. (enquanto o padeiro levar os tabuleiros | | b |
| 9. (a rapariga tirar um pão | f | |
| 10. (e fugir | f | |
| 11. (mas chocar com Charlie Chaplin | f | |
| 12. (que vir direcção oposta | | b |
| 13. (e cair os dois ao chão | f | |
| 14. (uma senhora que ir a passar nesse momento | b | |
| 15. (e ver a rapariga roubar pão | f | |
| 16. (contar ao padeiro | f | |
| 17. (o que acontecer | b | |
| 18. (naquele instante aparecer um polícia | | f |
| 19. (e o padeiro denunciar a rapariga | f | |
| 20. (Charlie Chaplin que ainda ali estar | b | |
| 21. (defender a rapariga | f | |
| 22. (o polícia prender, então, Charlie Chaplin | f | |
| 23. (No entanto a senhora continuar a acusar a rapariga | | b |
| 24. (e ela e o padeiro contar ao polícia | f | |
| 25. (o que acontecer | b | |
| 26. (este libertar Charlie Chaplin | f | |
| 27. (e prender a rapariga | f | |
| 28. (como Charlie Chaplin querer salvar a rapariga | b | |
| 29. (ir a um café | f | |
| 30. (comer | f | |
| 31. (e como não ter dinheiro para pagar a conta | b | |
| 32. (chamar um polícia | f | |
| 33. (e este prender-o | f | |
| 34. (o polícia levar Charlie Chaplin preso de novo | f | |
| 35. (um pouco depois o carro da polícia parar | f | |
| 36. (e a rapariga entrar | f | |
| 37. (ela estar muito triste | b | |
| 38. (e de repente levantar-se | f | |
| 39. (nesse momento haver um acidente | f | |
| 40. (e a rapariga e o Charlie Chaplin cair à rua | f | |
| 41. (e conseguir fugir | f | |

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

À exceção de (7) e de (23)⁴, um falante nativo recontaria esta cena favorecendo a marcação do pretérito imperfeito nos eventos *background*. Como refere Comajoan (2005:54), a definição da informação no discurso não é tarefa fácil⁵, por ser difícil, por vezes, interpretar o discurso dos aprendentes de L2.

Metodologia

O presente estudo decorre de outro mais alargado (MARTINS, 2008). A recolha dos dados foi feita em 2006 na Universidade de Macau. Participaram no estudo 41 informantes. Desses, 14 são do sexo masculino e 26 do sexo feminino. Do total dos 14 informantes do sexo masculino, 5 são da Região Administrativa Especial de Macau da República Popular da China e 9 são do continente chinês, estudantes que participavam no Curso de Verão promovido anualmente pela Universidade de Macau, provenientes de universidades de Pequim e de Xangai. Do total dos informantes do sexo feminino, 13 são da Região Administrativa Especial de Macau da República Popular da China e 14 são do continente chinês (Cf. Quadro 2):

Quadro 2

Número total de informantes

| | Macau | China | TOTAL |
|-------|-------|-------|-------|
| M | 5 | 9 | 14 |
| F | 13 | 14 | 26 |
| TOTAL | 18 | 23 | 41 |

⁴ Em (7), ainda que tenhamos codificado este enunciado como informação *foreground*, este apenas poderá ser marcado com o pretérito imperfeito. Este evento é codificado como *foreground* porque contribui para que a acção se desenrole no sentido do roubo do pão. O evento em (23) foi codificado como *background* porque não contribui, necessariamente, para o desenvolvimento da narrativa, o que acontece em (24). Este evento em particular tanto pode ser marcado com o pretérito perfeito como com o pretérito imperfeito.

⁵ Comajoan (2005, p. 55) codificou os eventos na narrativa como *foreground* e *background* segundo dois critérios: (i) da morfologia verbal segundo o contraste perfectivo / imperfectivo, i.e., os eventos marcados no perfectivo foram codificados como *foreground*, enquanto que os eventos marcados no pretérito imperfeito foram codificados como *background*; (ii) da sintaxe do enunciado, i.e., foram tidas em conta as situações específicas das frases relativas e das frases subordinadas temporais.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

O presente estudo, utiliza o pacote VARBRUL para o tratamento estatístico dos dados. Este recurso nos permite inferir de forma global as relações que se podem estabelecer entre o conjunto das variáveis independentes em função da variável / das variáveis dependentes (Cf. PAOLILLO, 2002; MARTINS, 2008).

Como este estudo se cinge à análise da Hipótese do Discurso, os dados recolhidos dizem respeito a uma cena do filme de Charlie Chaplin *Modern Times* com base em três instrumentos: (i) a narrativa oral; (ii) *cloze*; (iii) narrativa escrita. Os informantes visionaram a cena do filme duas vezes e recontaram-na primeiro por palavras suas, oralmente e depois por escrito, tendo sido a última tarefa o preenchimento da tarefa *cloze*. Os informantes não tiveram qualquer acesso a dicionários ou outros auxiliares durante a realização dos vários testes. Completaram a tarefa no tempo máximo de 15 minutos. Foram analisados 3526 formas verbais no pretérito perfeito e 885 formas verbais no pretérito imperfeito.

A Hipótese do Discurso – Análise dos Dados

Pretérito Perfeito

A análise dos dados em VARBRUL em relação à variável *grounding* no Quadro 2 revela que os eventos *foreground* não favorecem a marcação do pretérito perfeito. Os eventos *foreground* registam apenas um peso relativo de *pr. .51*, para se poder considerar como relevante para o papel do pretérito perfeito neste tipo de contextos. Por seu turno os eventos *background* desfavorecem a marcação do pretérito perfeito, com um peso relativo de *pr. .45*:

Quadro 2: *Grounding*

| <i>Foreground</i> | | | <i>Background</i> | | |
|-------------------|------|-------------|-------------------|----|------|
| Nº | % | Pr. | Nº | % | Pr. |
| 2454/2940 | 83.5 | 0.51 | 446/604 | 74 | 0.45 |

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

Por forma a percebermos melhor a possível interação que a variável *grounding* possa ter com outras já identificadas em Martins (2008) como relevantes para a marcação do pretérito perfeito, passamos a apresentar os resultados do cruzamento da variável *grounding* com as seguintes variáveis: (i) número de anos de aprendizagem; (ii) língua materna; (iii) tipo de instrumento; (iv) aspecto lexical.

Começamos por cruzar *grounding* com a variável número de anos de aprendizagem, partindo da hipótese de que uma maior exposição à língua alvo possa contribuir para que se verifiquem diferenças ao nível da marcação do pretérito perfeito em termos da estrutura narrativa (HOUSE, 2002; COMAJOAN, 2005; SALABERRY, 2009). No quadro 3 apresentamos resultados do cruzamento das duas variáveis:

Quadro 3: Cruzamento das Variáveis *Grounding* e Nº de Anos de Aprendizagem – Pretérito Perfeito

| <i>Grounding</i> | Nº de Anos de Aprendizagem | | | | | | | | |
|--|----------------------------|----|------|---------|------|-------------|---------|----|-------------|
| | 1-5 | | | 5-10 | | | >10 | | |
| | Nº | % | Pr. | Nº | % | Pr. | Nº | % | Pr. |
| <i>Foreground</i> | 2191/2639 | 83 | 0.49 | 129/149 | 86.6 | 0.57 | 134/152 | 88 | 0.70 |
| <i>Background</i> | 396/533 | 74 | 0.48 | 19/30 | 63 | 0.48 | 31/41 | 76 | 0.49 |
| <i>Significância = 0.018 Log Likelihood = -1464.183</i> | | | | | | | | | |

Os resultados do cruzamento das duas variáveis revelam que um maior número de anos de exposição à aprendizagem da língua tem efeito na marcação aspectual em função da estrutura narrativa. Os aprendentes que se encontram num nível intermédio favorecem a marcação do pretérito perfeito nestes contextos com um peso relativo de *pr. .57*, enquanto que os aprendentes que já estiveram expostos à aprendizagem da língua durante 10 anos ou mais favorecem a marcação com um peso relativo de *pr. .70*.

Na tentativa de averiguar outras hipóteses que pudessem complementar a nossa análise, procedemos ao cruzamento das variáveis *grounding* e língua materna, partindo da hipótese de que pudesse haver uma diferença entre os falantes de cantonense e os falantes de mandarim, resultados que apresentamos no quadro 4:

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

Quadro 4: Análise do Cruzamento das Variáveis *Grounding* e Língua Materna – Pretérito Perfeito

| <i>Grounding</i> | Língua Materna | | | | | |
|--|----------------|----|------|------------|------|-------------|
| | Mandarim | | | Cantonense | | |
| | Nº | % | Pr. | Nº | % | Pr. |
| <i>Foreground</i> | 1407/1679 | 84 | 0.49 | 1047/214 | 83 | 0.52 |
| <i>Background</i> | 239/326 | 73 | 0.47 | 207/278 | 74.5 | 0.51 |
| <i>Significância</i> = 0.018 <i>Log Likelihood</i> = -1464.663 | | | | | | |

Como podemos verificar através dos resultados no quadro 4, os falantes de cantonense como língua materna favorecem marginalmente com um resultado ligeiramente acima do valor neutro a marcação do pretérito perfeito nos eventos *foreground*, com um peso relativo de *pr.* **.52**, valor muito próximo da marcação do pretérito perfeito nos contextos *background*, com um peso relativo de *pr.* **.51**.

O quadro 5 apresenta os resultados do cruzamento da variável *grounding* com a variável tipo de instrumento:

Quadro 5: Análise do Cruzamento das Variáveis *Grounding* e Instrumento – Pretérito Perfeito

| <i>Grounding</i> | Instrumento | | | | | | | | |
|--|-------------|-------|-------------|-------------------|----|-------------|----------------|----|------|
| | Cloze | | | Narrativa Escrita | | | Narrativa Oral | | |
| | Nº | % | Pr. | Nº | % | Pr. | Nº | % | Pr. |
| <i>Foreground</i> | 942/1097 | 86 | 0.56 | 768/867 | 89 | 0.61 | 744/976 | 76 | 0.46 |
| <i>Background</i> | ----- | ----- | -----* | 212/264 | 80 | 0.36 | 183/289 | 63 | 0.24 |
| <i>Significância</i> = 0.000 <i>Log Likelihood</i> = -1445.296 | | | | | | | | | |

* todos os dados registaram a forma padrão

Como verificamos através dos resultados no quadro 5, o tipo de tarefa condiciona a marcação do pretérito perfeito em eventos *foreground*, mas não em eventos *background*, que registam uma marcação padrão. Consideramos que este fato possa estar relacionado com efeitos de transferência pragmática quanto à forma como os falantes estruturam o discurso na sua língua materna. O tipo de tarefa que mais influencia a marcação do pretérito perfeito em eventos *foreground* é a narrativa escrita, que apresenta um peso relativo de *pr.* **.61**, enquanto

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

que o *cloze* apresenta um peso relativo de *pr.* .56. A narrativa oral desfavorece a marcação do pretérito perfeito em ambos os contextos.

Tendo em conta que os vários estudos no âmbito da aquisição da morfologia verbal em L2 têm, regra geral, apontado para a importância do aspecto lexical, finalizamos a análise da marcação do pretérito perfeito ao nível do *grounding* cruzando as variáveis *grounding*, número de anos de aprendizagem e aspecto lexical, partindo da hipótese que possa haver uma interação entre estas três variáveis. Apresentamos os resultados do cruzamento das três variáveis no quadro 6:

Quadro 6: Análise do Cruzamento das Variáveis *Grounding*, Número de Anos de Aprendizagem e Aspecto Lexical

| Aspecto Lexical | Grounding e Número de Anos de Aprendizagem | | | | | | | | |
|-------------------------|--|------|-------------|-------------------------|----|-------------|------------------------|-------|-------------|
| | Foreground / 1-5 anos | | | Foreground / 5 -10 anos | | | Foreground / > 10 anos | | |
| | Nº | % | Pr. | Nº | % | Pr. | Nº | % | Pr. |
| Processos | 151/183 | 82.5 | 0.50 | 9/11 | 82 | 0.49 | 10/12 | 83 | 0.51 |
| Pontos | 85/92 | 92 | 0.72 | 10/12 | 83 | 0.51 | ----- | ----- | ----- |
| Processos Culminados | 1067/1311 | 81 | 0.48 | 58/67 | 87 | 0.58 | 64/72 | 89 | 0.63 |
| Culminações | 652/756 | 86 | 0.57 | 37/41 | 90 | 0.66 | 43/46 | 93.5 | 0.75 |
| Estados | 213/269 | 79 | 0.44 | 14/17 | 82 | 0.49 | 12/14 | 86 | 0.56 |

Significância = 0.000 *Log Likelihood* = -1645.054

Através dos dados no quadro 6 verificamos que os predicados verbais télicos favorecem a marcação do pretérito perfeito no *foreground* – os verbos do tipo pontos favorecem a sua marcação com um peso relativo de *pr.* .72, e os verbos do tipo culminação favorecem a marcação do pretérito perfeito com um peso relativo de *pr.* .57. Os processos com um peso relativo de *pr.* .50, não são relevantes para a marcação do pretérito perfeito em contextos *foreground*. Verificamos também que os aprendentes que se encontram no período mais avançado de aprendizagem alargam a marcação do pretérito perfeito à generalidade das classes lexicais aspectuais. No que se refere à marcação do pretérito perfeito em contextos *background*, apenas os aprendentes no nível inicial favorecem a sua marcação em algumas das classes aspectuais, como podemos observar através dos dados no quadro 7:

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

Tabela 7: Análise do Cruzamento das Variáveis *Grounding*, Número de Anos de Aprendizagem e Aspecto Lexical

| Aspecto Lexical | Grounding e Número de Anos de Aprendizagem | | | | | | | | |
|--|--|----|-------------|-------------------------|-------|-------|------------------------|-------|-------|
| | Background / 1-5 anos | | | Background / 5 -10 anos | | | Background / > 10 anos | | |
| | Nº | % | Pr. | Nº | % | Pr. | Nº | % | Pr. |
| Processos | 24/25 | 96 | 0.84 | ----- | ----- | ----- | ----- | ----- | ----- |
| Pontos | 8/9 | 89 | 0.63 | ----- | ----- | ----- | ----- | ----- | ----- |
| Proc. Culmi. | 136/173 | 79 | ----- | ----- | ----- | ----- | ----- | ----- | ----- |
| Culminações | 19/23 | 83 | 0.50 | 11/15 | 73 | 0.37 | ----- | ----- | ----- |
| Estados | 204/295 | 69 | 0.32 | ----- | ----- | ----- | 16/23 | 70 | 0.32 |
| <i>Significância = 0.000 Log Likelihood = -1645.054</i> | | | | | | | | | |

No caso dos aprendentes do nível inicial verificamos haver uma distribuição irregular da marcação do pretérito perfeito, sendo os verbos do tipo processo que mais favorecem a sua marcação, com um peso relativo de *pr. .84*, contrariamente às previsões da Hipótese do Aspecto que aponta os verbos télicos como aqueles que recebem morfologia padrão antes dos atélicos, no caso do perfectivo. Os dados no quadro 7 apontam para que os pontos favoreçam a marcação do pretérito perfeito, com um peso relativo de *pr. .63*. No entanto, o número de dados é bastante reduzido para que se possam retirar conclusões sólidas quanto ao papel desta classe lexical.

Pretérito Imperfeito

No quadro 8 apresentamos os resultados da análise dos dados relativamente à marcação do pretérito imperfeito em contextos *foreground* e *background*, à semelhança do que havíamos já feito para a marcação do pretérito perfeito:

Quadro 8: Grounding

| Foreground | | | Background | | |
|------------|----|-------------|------------|----|------|
| Nº | % | Pr. | Nº | % | Pr. |
| 113/166 | 68 | 0.79 | 407/719 | 57 | 0.42 |

Os dados no quadro 8 revelam que os eventos *background* não favorecem a marcação do pretérito imperfeito. São o eventos *foreground* que favorecem essa marcação, com um peso relativo bastante significativo de *pr. .79*.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

Também para a análise relativamente ao pretérito imperfeito adoptamos a mesma estratégia de cruzar a variável *grounding* com as variáveis: (i) número de anos de aprendizagem; (ii) língua materna; (iii) tipo de instrumento.

No quadro 9 apresentamos os resultados do cruzamento das variáveis *grounding* e número de anos de aprendizagem:

Quadro 9: Análise do Cruzamento das Variáveis *Grounding* e Nº de Anos de Aprendizagem – Pretérito Imperfeito

| <i>Grounding</i> | Nº de Anos de Aprendizagem | | | | | |
|--|----------------------------|----|-------------|------------|----|-------------|
| | 1-5 | | | 5-10 / >10 | | |
| | Nº | % | Pr. | Nº | % | Pr. |
| <i>Foreground</i> | 105/156 | 67 | 0.69 | 8/10 | 80 | 0.79 |
| <i>Background</i> | 373/652 | 57 | 0.46 | 34/67 | 51 | 0.37 |
| Significância = 0.003 Log Likelihood = -247.659 | | | | | | |

Os dados no quadro 9 revelam que os contextos *foreground* favorecem a marcação do pretérito imperfeito, independentemente do número de anos de aprendizagem, ainda que encontremos uma diferença não muito expressiva quanto ao peso relativo dos dois factores da variável número de anos de aprendizagem. São os aprendentes que tiveram mais exposição à aprendizagem que mais favorecem a marcação do pretérito imperfeito em contextos *foreground*, com um peso relativo de *pr. .79*, enquanto que os aprendentes no nível mais inicial da aprendizagem favorecem a marcação do pretérito imperfeito nestes contextos, com um peso relativo de *pr. .69*. Olhando para os dados relativamente aos contextos *background*, ainda que nenhum dos factores favoreça a marcação do pretérito imperfeito verificamos que são os aprendentes que mais exposição tiveram à aprendizagem da língua que apresentam um peso relativo mais desfavorecedor, com um peso relativo de *pr. .37*, enquanto que o outro grupo de aprendentes apresenta um peso relativo de *pr. .46*.

Cruzando as variáveis *grounding*, número de anos de aprendizagem e tipo de instrumento, cujos resultados apresentamos no quadro 10:

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

Quadro 10: Análise do Cruzamento das Variáveis *Grounding*, Número de Anos de Aprendizagem e Instrumento – Pretérito Imperfeito

| Instrumento | <i>Grounding</i> e Número de Anos de Aprendizagem | | | | | | | | |
|--|---|----|-------------|------------------------|------|------|------------------------|----|-------------|
| | Background / 1-5 anos | | | Background / 5-10 anos | | | Background / > 10 anos | | |
| | Nº | % | Pr. | Nº | % | Pr. | Nº | % | Pr. |
| Cloze | 157/190 | 54 | 0.49 | 6/16 | 37.5 | 0.32 | 12/16 | 75 | 0.71 |
| Narrativa Escrita | 117/172 | 68 | 0.60 | 3/8 | 37.5 | 0.29 | 8/10 | 80 | 0.74 |
| Narrativa Oral | 99/190 | 52 | 0.44 | 1/6 | 17 | 0.12 | 4/11 | 36 | 0.29 |
| Significância = 0.001 Log Likelihood = -583.205 | | | | | | | | | |

Através destes resultados vemos que a marcação do pretérito imperfeito em contextos *background* está, em certa medida, dependente do tipo de tarefa e também do número de anos de aprendizagem. Ainda que o número de dados não seja suficiente para tecermos considerações mais contundentes relativamente ao fator “narrativa escrita”, este é o fator que mais favorece a marcação do pretérito imperfeito no *background*, com um peso relativo de *pr. .60*. Os aprendentes com mais tempo de aprendizagem alargam a marcação do pretérito imperfeito em contextos *background* na narrativa escrita, com um peso relativo de *pr. .74*, e também no *cloze*, com um peso relativo de *pr. .71*. Verificamos ainda, que a narrativa oral, tal como acontece na marcação do pretérito perfeito, não é favorecida por nenhum dos grupos de aprendentes. A análise do cruzamento dos fatores de ambas as variáveis demonstra haver um desenvolvimento aquisicional em U (ELLIS, 2003, p. 88; SEGALOWITZ, 2003, p. 397; LONG, 2003, p. 490), princípio que prediz que no processo de aquisição de L2, e também de L1, algumas estruturas possam começar por se fixar numa fase inicial de aprendizagem, apagando-se numa fase intermédia, apresentando um uso padrão nas fases avançadas do processo de aquisição.

No quadro 11 apresentamos os resultados do cruzamento das variáveis *grounding* e língua materna:

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

Quadro 11: Análise do Cruzamento das Variáveis *Grounding* e Língua Materna – Pretérito Imperfeito

| <i>Grounding</i> | Língua Materna | | | | | |
|-------------------|----------------|----|-------------|------------|----|-------------|
| | Mandarim | | | Cantonense | | |
| | Nº | % | Pr. | Nº | % | Pr. |
| <i>Foreground</i> | 71/104 | 68 | 0.71 | 42/62 | 68 | 0.63 |
| <i>Background</i> | 245/413 | 59 | 0.46 | 162/306 | 53 | 0.45 |

Significância = 0.005 *Log Likelihood* = -248.238

Os falantes de mandarim são os que mais favorecem a marcação do pretérito imperfeito em contextos *foreground*, com um peso relativo de *pr. .71*, enquanto que os falantes de cantonense favorecem a marcação do pretérito imperfeito em contextos *foreground* também, com um peso relativo de *pr. .63*.

Consideramos que a preferência pela marcação do pretérito imperfeito nos **eventos *foreground***, por parte deste grupo de informantes, se poderá dever a duas circunstâncias: (i) às eventuais dificuldades em definir quais os **eventos *foreground* e *background***; (ii) as possíveis diferenças de interpretação dos dois tipos de informação por parte deste grupo de informantes decorrentes de um efeito de transferência pragmática de L1.

Se os eventos *foreground* podem não constituir uma dificuldade em termos de definição, os eventos *background* podem ser alvo de diferenças de interpretação quanto ao seu papel no avanço da narrativa. A hipótese por nós avançada, neste sentido, é a de que este grupo de informantes possa estar a considerar alguma informação *background* como *foreground*. Pensamos que isto possa acontecer por motivos de transferência: (i) transferência de L1 de informação de carácter pragmático na estruturação e interpretação da sequência da narrativa; (ii) transferência da ausência de marcação aberta através de determinadas partículas das situações imperfectivas no discurso.

Na tentativa de confirmar a validade desta hipótese, foi pedida a colaboração de um falante nativo de **mandarim** e outro de **cantonense** no sentido de aferir se todas as situações por nós identificadas como *foreground* e *background* obtinham a mesma correspondência por parte de falantes nativos. Considerando a sequência da narrativa anteriormente apresentada, o falante de mandarim identificou os eventos (4), (14), (23), (28) e (31) como

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

eventos *foreground*. O falante de cantonense, por seu turno, identificou os eventos (2), (8), (14), (23), (25), (28), (31) e (37) como *foreground*.

Ambos os informantes confirmaram também que as situações imperfectivas não necessitam, no contexto desta narrativa, de marcação clara. Quer isto dizer que é a perspectiva do narrador que conduz a marcação dos eventos em termos de **perfectividade** e de **imperfectividade**⁶, com base não só na informação e estruturação dos eventos na narrativa, mas também em expressões e advérbios de tempo.

Conclusões

A aquisição da morfologia verbal em contextos L2, na generalidade dos estudos relativamente a outras línguas, tem partido da análise de duas hipóteses: a **Hipótese do Aspecto** e a **Hipótese do Discurso**, partindo de uma avaliação quantitativa com base no tratamento estatístico dos resultados em ANOVA. O nosso trabalho, porém, pretendeu alargar o escopo da análise, partindo de uma análise regressiva multivariada dos dados. Para tal investigámos não só os aspectos que se relacionam com ambas as hipóteses e com a importância das classes lexicais aspectuais para a marcação da morfologia verbal, mas também a possível importância que outras variáveis, que não haviam sido consideradas em estudos anteriores, poderiam ter na aquisição das noções de tempo e aspecto.

No presente trabalho, analisámos a **Hipótese do Discurso** em concreto. Da análise dos dados, verificámos que a variável <grounding> não é seleccionada na análise **GOLDVARB**

⁶ A importância do contexto para a marcação aspectual é referenciada em Mathews e Yip (1996, p. 200), relativamente ao cantonense e em Li e Thomson (1989, p. 201) e também em Xiao e McEnery (2004, p. 240) que, referindo-se às situações em que o aspecto não é marcado explicitamente através de partícula (definido por estes autores como *zero aspect*), afirmam:

When taken in isolation, these aspectually unmarked sentences may be ambiguous between perfective and imperfective readings; but in discourse, their aspectual meanings are made explicit by context. As such, the zero aspect can be either perfective or imperfective, depending on context. It is not an independent viewpoint aspect.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

X dos corpora do pretérito perfeito, sendo apenas importante para a marcação do pretérito imperfeito.

A análise da variável **informação** dos três *corpora* do pretérito imperfeito revela que é a informação *foreground* que favorece a marcação do pretérito imperfeito e não a informação *background*. Concluímos que esta preferência por marcar o pretérito imperfeito no *foreground*, ao contrário do que indicam os princípios da **Hipótese do Discurso**, se manifesta por transferência de informação de carácter pragmático na estruturação e interpretação da sequência narrativa.

Referências

- ANDERSEN, Roger. The dimensions of pastness. In.: Rafael Salaberry, Yasuhiro Shirai (eds.). *The L2 Acquisition of Tense-Aspect Morphology*. Amsterdam Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002, p. 79-107.
- AYOUN, Dalila et al. Towards a comprehensive model of the acquisition of L2 tense-aspect in the Romance languages. Rafael Salaberry and Dalila Ayoun (eds.). *Tense and Aspect in Romance Languages*, Studies in Bilingualism Series. Amsterdam Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, n. 29, p. 253-282.
- BARDOVI-HARLIG, Kathleen Narrative Structure and Lexical Aspect: Conspiring Factors in Second Language Acquisition of Tense-Aspect Morphology. In.: Albert Valdman (ed.), *Studies in Second Language Acquisition*. Cambridge University Press, 1998, 20,4. p. 471-508.
- BARDOVI-HARLIG, Kathleen. *Tense and Aspect in Second Language Acquisition: Form, Meaning and Use*. Blackwell Publishers, 2000.
- BLYTH, Carl. From empirical findings to the teaching of aspectual distinctions. *Tense and Aspect in Romance Languages*, Rafael Salaberry and Dalila Ayoun (eds.) Studies in Bilingualism Series. Amsterdam Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, p. 211-253.
- COMAJOAN, Llorenç. The Acquisition of perfective and imperfective morphology and the marking of discourse grounding in Catalan. Rafael Salaberry and Dalila Ayoun (eds.), *Tense and Aspect in*

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

Romance Languages, Studies in Bilingualism Series. Amsterdam Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, p. 35-78.

DOUGHTY, Catherine J. et al. The Scope of Inquiry and Goals of SLA. Catherine J.

Doughty and Michael Long (eds.) *The Handbook of Second Language Acquisition*. Blackwell Publishing, 2003, p. 3-16.

DUFF, Patricia, et. al., The acquisition and use of perfective aspect in Mandarin. Rafael

Salaberry, Yasuhiro Shirai (eds.), *The L2 Acquisition of Tense-Aspect Morphology*. Amsterdam Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002, p. 417-456.

ELLIS, Nick C. Constructions, Chunking, and Connectionism: The Emergence of Second Language Structure. Catherine J. Doughty and Michael Long (eds.) *The Handbook of Second Language Acquisition*. Blackwell Publishing, 2003, p. 3-16.

ELLIS, Rod. *SLA Research and Language Teaching*. Oxford University Press, 1997.

ELLIS, Rod. Investigating Form-Focused Instruction. Rod Ellis (ed.), *Form-Focused Instruction in Second Language Acquisition*. Blackwell Publishers, 2001.

GIACALONE-RAMAT, Anna How do learners acquire the classical three categories of temporality? Evidence from L2 Italian. Rafael Salaberry, Yasuhiro Shirai (eds.), *The L2 Acquisition of Tense-Aspect Morphology*. Amsterdam Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002, p. 221-248.

HAWKINS, Roger, et al. Locating the source of defective past tense marking in advanced L2 English speakers. Roeland van Hout, Aafke Hulk, Folkert Kuiken, Richard Towell (eds.), *The Lexicon-Syntax Interface in Second Language Acquisition*, Language Acquisition and Language Disorders Series. Amsterdam Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2003, p. 21-44.

HOUSEN, Alex, The development of tense-aspect in English as a second language and the variable influence of inherent aspect. Rafael Salaberry, Yasuhiro Shirai (eds.), *The L2 Acquisition of Tense-Aspect Morphology*. Amsterdam Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002, p. 155-198.

HYLTENSTAM, Kenneth L2 learners' variable output and language teaching. Keneth

Hyltenstam and Manfred Pienemann (eds.), *Modeling and Assessing Second Language Acquisition*. Multilingual Matters Ltd, 1985, p. 113-136.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

- JOHNSON et al. *Encyclopedic Dictionary of Applied Linguistics – A Handbook for Language Teaching*. Blackwell Publishing, 1999.
- KIHLSTEDT, Maria. Reference to past events in dialogue: the acquisition of tense and aspect by advanced learners of French. Rafael Salaberry, Yasuhiro Shirai (eds.), *The L2 Acquisition of Tense-Aspect Morphology*. Amsterdam Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002, p. 323-362.
- LONG, Michael H. Stabilization and Fossilization in Interlanguage. Catherine J. Doughty and Michael Long (eds.) *The Handbook of Second Language Acquisition*. Blackwell Publishing, 2003, p. 3-16.
- LI, Charles N. et al. *Mandarin Chinese – A Functional Reference Grammar*. University of California Press, 1989.
- LI, Ping, et. al. *The Acquisition of Lexical and Grammatical Aspect*. Studies on Second Language Acquisition. Mouton de Gruyter, 2000.
- MARTINS, C.C. *A aquisição das Noções de Tempo e Aspecto por Aprendentes Chineses de Português como Língua Estrangeira*. Tese (Doutoramento) - Macau: Universidade de Macau, 2008.
- MATTHEWS, Stephen et al. *Cantonese – A Comprehensive Grammar*. Routledge, 1994.
- NOYAU, Colette Temporal relations in learner varieties: Grammaticalization and discourse construction. Rafael Salaberry, Yasuhiro Shirai (eds.), *The L2 Acquisition of Tense-Aspect Morphology*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002, p.107-129.
- PAOLILLO, John C. *Analyzing Linguistic Variation – Statistical Models and Methods*. CSLI Publications, Center for the Study of Language and Information. Stanford, California, 2002.
- SALABERRY, M. Rafael. *The Development of Past Tense Morphology in L2 Spanish*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2000.
- SALABERRY, M. Rafael. Tense and aspect in the selection of Spanish past tense verbal morphology. Rafael Salaberry, Yasuhiro Shirai (eds.), *The L2 Acquisition of Tense-Aspect Morphology*. Amsterdam Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002, p. 397-416.
- SALABERRY, M. Rafael, et. al. L2 acquisition of tense-aspect morphology. Rafael Salaberry, Yasuhiro Shirai (eds.), *The L2 Acquisition of Tense-Aspect Morphology*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2002, p. 1-20.
- SEGALOWITZ, Norman. Automaticity and Second Languages. Catherine J.

TABULEIRO DE LETRAS

Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens
Universidade do Estado da Bahia – UNEB
Departamento de Ciências Humanas – DCH I

NÚMERO 03 – dezembro de 2011
ISSN: 2176-5782

Doughty and Michael Long (eds.) *The Handbook of Second Language Acquisition*. Blackwell Publishing, 2003, p. 3-16.

XIAO, Richard et al. *Aspect in Mandarin Chinese – A corpus-based study*. Studies in Second Language Companion Series. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins Publishing, Company, 2004.